

Por uma tecnologia da memória cultural - invenção, corpo e performance

Doutorando Ricardo Nonato A. de A. Silva (UFPE/ CAPES)

Resumo:

O objetivo deste artigo é refletir acerca do papel da Universidade pública e sua participação na construção de movimentos culturais, evidenciando as demandas de uma comunidade, propondo, nesse sentido, pensar as culturas locais no que elas possuem de invenção, potencializando suas particularidades, reinventando cenas de inserção, sobretudo, nos espaços formais de ensino. Ao mesmo tempo, saber que tal invenção possui um corpo que encena um movimento cultural é ter a consciência de que a atuação dos agentes dinamizadores da cultura é imprescindível nas comunidades locais, atuando como linhas de resistência. Osmar Moreira (2010), ao pensar a cultura como “máquina de guerra”, coloca em questão, justamente, os pontos nodais dessa dinâmica, enveredando pelas formas subalternizadas, pensando as micropolíticas, engendrando um movimento de apropriação da máquina dominante. Performatizar um movimento cultural seria inscrevê-lo no território da invenção e da guerrilha, essa tática de reivindicação, que intenta minar as frentes inimigas pela corrosão progressiva dos limites que são erguidos entre a classe hegemônica e as culturas periféricas. Nesse sentido, pensar o uso da memória como tecnologia tem, na perspectiva aqui proposta, o da apropriação das cenas culturais e pô-las em movimento na engrenagem social, esse campo de batalha em que o esquecimento e o preconceito atuam minando as ações oriundas de zonas periféricas.

Palavras-chave: Memória cultural, Corpo, Performance.

1 Introdução

Com cerca de 40 mil habitantes, a cidade de Xique-Xique possui uma população ribeirinha rica em manifestações culturais nascidas da relação mantida com o rio São Francisco, criando lendas e mistérios que fazem parte da identidade local. O rio, nesse sentido, pode ser tomado como o ponto de referência para lermos a cultura local, na medida em que é a partir dele que os elementos identitários da comunidade ribeirinha são constituídos e mantidos ao longo dos anos, pela força da memória na dinâmica da vida cotidiana, realizando a manutenção e a sobrevivência de uma tradição. Assim sendo, o rio que margeia a cidade pode ser pensado, também, como esse lugar de memória, na medida em que é a partir dele, que um dado mundo se move enquanto prática sócio-cultural.

A criação de um Campus da Universidade do Estado da Bahia na cidade, em 2003, oportunizou uma mudança significativa na região, sobretudo no modo como a comunidade passou a ver/ perceber a cultura local, e a entendê-la como um valor. Refletir acerca do papel da Universidade na sociedade, de como ela pode e deve interferir na realidade, beneficiando a comunidade, estabelecendo diálogos e atendendo as demandas locais, dando respostas a determinados problemas, não sendo nem arbitrária nem se isolando do mundo “real”, tem sido um dos grandes desafios, se considerarmos que a Universidade pública se sustenta a partir do tripé: ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de não apenas abrir seus portões para que a comunidade adentre seu espaço e se aproprie de um lugar, que já lhe pertence, mas de um movimento de saída, integração, transformação, e parceria daqueles que estão em seus campos de saber com a comunidade e suas múltiplas camadas;

mais que isso, trata-se da Universidade cumprir o seu papel de se abrir ao diverso, reconhecendo outras formas de lidar com o conhecimento, bem como outros saberes (os não legitimados), percebendo nas suas bordas aquilo que já há algum tempo adentrou seus muros, mediante as políticas de inclusão.

Segundo Mignolo (2003), a gnose liminar evidencia o desejo do subalterno em trazer para frente da cena determinadas questões. A gnose liminar estabelece, por um lado, o diálogo entre o universal/particular, por outro, debate a noção de “insurreição dos saberes subjugados”. Os outros povos, com seus saberes específicos reivindicam uma gnosiologia que a civilização ocidental foi ensinada a desprezar. Tal perspectiva já havia sido sinalizada pela historiadora Patrícia Seed, que, segundo Mignolo, já problematizava questões em torno do “discurso colonial”, reiterando que a compreensão de que os conhecimentos acadêmicos devem ser completados pelo aprender com aqueles que vivem e refletem a partir de legados coloniais e pós-coloniais.

O pensamento liminar, como Mignolo concebe, não pode ser entendido sem a compreensão da diferença colonial, que possibilita ao olhar do subalterno, exteriorizar sua experiência e falar a partir de suas próprias referências. “O reconhecimento da diferença colonial, contemplada de perspectivas subalternas exige, de fato, o pensamento liminar” (MIGNOLO, 2003, p. 24-25). Ao encurtar as distâncias entre o sujeito e o objeto, o pensamento liminar também, aproxima teoria e prática. Essa “gnose liminar”, além de estabelecer um diálogo entre o universal/particular, permite debater a noção de insurreição dos saberes subjugados.

Ao colocar em trânsito a diversidade de símbolos representativos da cultura popular do Médio São Francisco, as narrativas ribeirinhas atravessam de modo insurgente, todo um discurso pautado em outra forma de saber. Para Mignolo, existe uma disparidade entre os tipos de saberes: saber acadêmico e disciplinar, de um lado, e não acadêmico e popular, do outro. Todo conhecimento é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas, que constituem o solo do qual esse saber emerge. As classes dominantes, que detêm um determinado saber, tendem a inferiorizar as demais, além de restringir o acesso das classes subalternizadas ao saber acadêmico. A cultura engendra os diversos saberes. Concordamos, portanto, com Roberto Reis (1992), quando entende que:

A cultura, com efeito, é um conjunto de sistemas simbólicos, de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a conduta humana. O que nos sugere que a cultura implica ou requer mecanismos de cerceamento social. Ou, dito de uma maneira mais precisa, no interior de qualquer formação cultural as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar o seu domínio (p.66).

Os trabalhos de Foucault (1979) chamaram a atenção para a distribuição e os efeitos do poder ao longo da história, e seu “grande jogo”: “O grande jogo do poder será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para revertê-las, utiliza-las ao inverso” (FOUCAULT, 1979, p. 25). Esse é o movimento realizado pelas culturas subalternas, se apropriar dos mecanismos de poder, para fazer vir à cena um lugar de memória que está posto à margem da cultura, dinamizando sua visibilidades na sociedade.

Na época pós-moderna, os alicerces da cultura ocidental estão sendo revisados e desconstruídos ou, como afirma Reis (1992): “Todos os saberes que serviram para assegurar a dominação do Ocidente, do branco, do homem, das classes privilegiadas sobre outras culturas, etnias, grupos sociais, sexualidades”, estão sendo questionados (p.75).

Ao propor um “pensamento de rastro/ resíduo”, Glissant (2005) promove a fratura do universal, característico das culturas atávicas – hegemônicas –, pautadas num conhecimento fechado, disciplinar. Para este autor, o universal transformou-se em diversidade e esta o desordena. Em outras palavras, não é mais o direito a universalidade que dita as regras, mas o acúmulo de relações. De modo, que pensar os saberes subalternizados do Médio São Francisco hoje é abrir os olhos para a diversidade, abarcando formas diferenciadas de se pensar o mundo e as relações – a cultura. O pensamento de rastro/ resíduo permite entender os saberes como algo que está em trânsito, numa leitura de caminhos não muito confortáveis, mas ao mesmo tempo, instigantes por desafiar determinadas ordens, rotas fixadas que alienam e homogeneizam. A compreensão de rastro faz explodir a verdade única, desagregando a norma sedutora, a forma instituída e excludente, o universal ou, como observa Hall (2005), descentrando os lugares de seus domínios de certeza. Assim, as culturas ribeirinhas avançam pelas bordas em direção ao centro, levando consigo outros valores de pertencimento, modos de vida, um conhecimento de tradição oral, também em trânsito, como as águas do rio que margeia a cidade.

2 Entrando na máquina

As culturas locais do médio São Francisco são dinâmicas, elas estão em constante movimento, na tensão entre a tradição e a ruptura. A partir da idéia de que o lugar organiza e expressa a memória, dinamizada por uma tecnologia, é que percebemos os modos pelos quais as culturas subalternas tentam se inserir como valor na sociedade, mediante os mecanismos do Estado. O termo ‘lugar’, pode ser entendido, tanto de maneira geográfica, como de maneira genealógica, tanto por ligar corpo e lugar, como por ligar ancestralidade com território, tal como observa Roland Walter (2012). É nesse sentido, que a relação direta entre o lugar e memória funda a noção de pertencimento, que aponta para uma dada coletividade, então performatizada pela cultura. Assim sendo, “pertencer a um lugar é determinado menos pelo que se possui em termos de propriedade (terreno, casa, etc.) do que pela relação entre a memória fragmentada e seletiva e a experiência vivida” (WALTER, 2012, p. 140).

Problematizando a relação entre percepção e a memória, desenvolvida por Henri Bergson, Maurice Halbwachs concebeu a memória como um fenômeno social. Em *A memória coletiva*, explica que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. Para o autor, a memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, e refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que deve sempre ser analisada considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2006, p.55).

A forma como a memória se organiza na sociedade, como arquivo, é um dos pontos fulcrais do império do logos no Ocidente, na medida em que ela, como valor, deixou de ser ágrafa para ser registro que pode ser recuperado a qualquer tempo, sem depender mais de alguém responsável para repassá-la oralmente, modificou a forma como o conhecimento passou a ser estruturado, hierarquizado.

A história da memória dos excluídos possui uma territorialidade (a margem de uma hierarquia), que delimita o lócus da opressão, ao mesmo tempo em que sabemos serem os laços afetivos de pertencimento, construídos a partir da relação com a terra, sendo a memória cultural um desdobramento dessa relação feita registro por uma coletividade, com pondo uma espécie de “geografia afetiva”, uma vez que no espaço está incluída uma rede

de relações sociais. Assim, trazer à cena tal dinâmica é, também, problematizar o que Roland Walter (2012) denomina por “geografias injustas”: “como a natureza e a cultura em suas relações complexamente entrelaçadas são embutidas em desenvolvimento geograficamente desiguais” (p. 141).

As cidades têm a sua territorialidade cartografada, com seus limites geopolíticos (as fronteiras territoriais), sendo habitadas pelas pessoas e seus diversos modos de viver, num dado território. Assim, Xique-Xique está à margem de um rio que segue em direção ao mar, e que no seu percurso atravessa outras cidades, cujas existências se devem a ele, sendo, portanto, impossível desse modo, separarmos geografia e vida. As pessoas que vivem nas bordas do rio mantêm com ele uma relação não apenas de sobrevivência, a partir dele um modo de vida passa a existir.

Milton Santos (2007), em seu livro *Espaço Cidadão*, entende cultura como “(...) forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio” (SANTOS, 2007, p. 81). Nessa relação, conforme observa o autor, estão incluídos “o processo produtivo e as práticas sociais” (p.81). Para o autor, o território em que vivemos é mais que um “simples conjunto de objetos”, existe um mundo simbólico que se institui a partir dessa relação. Apesar da costumeira separação entre natureza e cultura, como se estas fossem mundos extremos, e a superioridade humana fosse alcançada pelo domínio do mundo natural, sabemos que ambos são inseparáveis, pois a vida humana faz parte de um mesmo sistema natural, do qual somos dependentes. A cultura ribeirinha, do médio São Francisco, nasce dessa relação entre o homem e a natureza, de onde não apenas o sustento é retirado, mais toda a sua existência está inscrita no movimento do rio. As narrativas surgidas a partir desse encontro com a natureza, que por gerações foram passadas de pais para filhos, particularizam um lugar de pertencimento, como *lócus* afetivo.

Essa literatura oral (e não só ela), não existe apenas para o deleite de seus ouvintes, também possui uma função educativa, formadora da moral, maneira singular de se fazer perpetuar os valores de uma comunidade, que são absorvidos na recepção do texto, “no movimento de circulação entre produtor do discurso e o seu consumidor” (ALCOFORADO, 1990, p. 23). Nesse sentido, pensar nas estratégias utilizadas pelos povos ribeirinhos, do médio São Francisco, para manterem sua cultura viva é entender o que Zumthor chama de *movência*: a tentativa de consolidar a memória, não pela reiteração repetitiva, mas por um movimento incessante, em que cada gesto de manutenção dos registros orais é realizado, como o movimento das águas do rio, nunca da mesma forma, sendo o rio sempre o mesmo. Essa *movência* líquida assume um papel contestador, confrontando uma dada ordem simbólica, contra o esquecimento, em favor de uma identidade móvel celebrada, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolado nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2000, p. 13).

Canclini (2006), em sua abordagem acerca do hibridismo cultural, das estratégias utilizadas pelas culturas periféricas na modernidade, entende o popular como parte da história do excluído: “(...) aqueles que não têm participação ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado” (p. 205). O papel da Universidade, nesse caso, além do ensino e da pesquisa, que lança seus olhos curiosos na direção de novas possibilidades de entendimento do mundo, deve cumprir o importante papel de aliar cidadania e cultura, esse “par integrado de significações” (SANTOS, 2007, p. 81), que, segundo Milton Santos, também aponta para a relação entre cultura e territorialidade.

Ao falarmos da cultura ribeirinha de Xique-Xique é preciso entender que ela não se divide em partes, ou blocos de expressões desconexas umas das outras. Sendo assim,

mesmo o recorte aqui estando sendo encaminhado para as narrativas orais, como ponto de partida, não se pode esquecer que elas estão inseridas em um contexto específico, com outros elementos constituintes do *modus vivendi* da comunidade ribeirinha: esse corpo que se encena. Dele faz parte o artesanato, o samba de roda, que inclui canto e a dança, o terno de São Pedro, também chamado de Terno de Pescadores, apresentado sempre no último dia das festividades do padroeiro do bairro ribeirinho, que leva seu nome, e está localizado nas proximidades do cais da cidade. Para Araújo (2011), professor e pesquisador que trata, justamente acerca do samba de roda no Mocambo dos Ventos e região ribeirinha de Xique-Xique, “novos espaços simbólicos passam a ser construídos a partir do samba de roda” (s.p.).

A cidade de Xique-Xique, nos últimos anos, tem vivido o que pode ser entendido como um movimento de retomada dos valores identitários, dinamizados por agentes culturais (pessoas interessadas em fazer essa cultura local emergir), além da Universidade, com pequenas iniciativas, eventos e pesquisa, que colocou no centro do debate a cultura xiquexiquense. Infelizmente, o curso Letras (licenciatura), que dinamizava esse processo na cidade fechou, os professores estão sendo deslocados para outros campi, e aguarda-se formar as duas últimas turmas. Os projetos de pesquisa e extensão, nascidos no encontro com a cidade, do perceber a realidade local e suas demandas, ficaram órfãos. Mesmo antes, ainda em 2011, em meio a incertezas sobre o fechamento do curso, tal perspectiva já havia sido projetada em versos pela Sociedade dos Poetas Vivos, publicados no *Círculo Poético de Xique-Xique*, periódico viabilizado pelo Departamento, e que colocava em circulação a poesia de jovens poetas e poetizas que cursavam (alguns ainda estão concluindo) o curso de Letras. São versos contundentes, de uma revolta que foi se apaziguando pelo silêncio e pela falta de respostas. O periódico foi prefaciado pela professora Ilmara Valois, que naquele pequeno gesto apresentou seu grito de rebeldia e indignação:

Como parte do emaranhado de incertezas traiçoeiras, que compõem o contexto da pós-modernidade, vive-se, em Xique-Xique, a ameaça de fechamento do Curso de Letras, curso que ora faz a alma do DCHT XXIV – Prof. Gedival de Souza Andrade (fundado com toda a dedicação do saudoso Gedival). Tal situação merece atenção e ainda que algumas atitudes salvadoras possam ser contabilizadas, as reações, em geral, têm sido tímidas, o que mobiliza protestos contra o silêncio anestesiado, o conformismo individualista e o descaso (in)conveniente que parece reinar, inclusive em nosso Departamento, tão acanhado em aceitar, como um fracasso precoce, o fim de um missão ainda em gênese, e cujos frutos fazem-se notar tão claramente. Notar, sim, talvez não lucrar no imediatismo. Este é o ponto fulcral. São os números que justificam o fechamento do curso, as letras dizem o contrário. Elas dizem possibilidades de crescimento humano, de liberdade, de leitura crítica, de escrita poética. Novos cursos são muito bem vindos, e necessários, mas será mesmo preciso extinguir as LETRAS? Não estaríamos somente promovendo a opressão? (VALOIS, 2011, s.p.)

Com o fim do curso de Letras, a atenção que a Universidade dava às questões relativas à cultura local, também foi esvaziada. Hoje, pequenas iniciativas na cidade de Xique-Xique vêm preenchendo a ausência do poder público na esfera cultural, a exemplo da abertura *Ponto de Leitura Você Faz Arte* que, apesar do apoio municipal ser mínimo, vem realizando um importante trabalho, e constatando o quão frágil tem sido a formação

escolar de crianças e adolescentes, que aparecem no ponto de leitura à procura de livros, mesmo sem terem o domínio da leitura, ou em busca dos cursos oferecidos por voluntários, que vão desde aulas de música, teatro, pintura e, até mesmo, reforço escolar. Ao mesmo tempo, por outros caminhos, grupos como o do *Samba de Roda Na Pisada Ê*, tem encontrado formas de se articularem para sustentar as expressões locais, despertando o interesse de um público cada vez mais jovem. Da mesma forma, a empreitada para a restauração da antiga Igreja da Ilha do Miradouro, foi um empreendimento que contou com o apoio da comunidade ribeirinha, e de membros da sociedade ligados a cultura, para que o poder público atentasse para este importante patrimônio, que estava se deteriorando e que faz parte do universo religioso e do imaginário ribeirinho.

Em junho de 2013, a Capela Senhora Santana do Miradouro, construída no início do século XVII, recebeu a proteção legal no nível estadual, devido à sua singularidade e ao fato de os seus valores artísticos e históricos terem uma ressonância, que extrapola os limites do município de Xique-Xique, fato já reconhecido pelo Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia – IPAC, onde lhe é conferida o Grau de Proteção 1, o mais elevado. Mas, além de se constituir como patrimônio material e simbólico, a Igreja da Ilha do Miradouro guarda seus mistérios, os que não estão escritos, os que ficam na memória e são passados de geração à geração, são narrativas que seguem o curso do rio e que existem a partir dele. Assim sendo, traremos aqui a história da “Serpente da Igreja da Ilha do Miradouro”, lenda popular, que tem na antiga igreja, agora em processo de restauração, seu ponto de convergência, para mostrar como as engrenagens da máquina de guerra, da cultura subalterna, entram em movimento para tornar visível, o que por muito tempo ficou à margem, a parte da esfera institucional, que delibera acerca do que é valor na cultura, ou o que é valor como cultura.

Osmar Moreira (2010), ao pensar a cultura como máquina de guerra, traz a baila, justamente, a visão de um descompasso, enveredando pelas formas subalternizadas, reflete o modo como apropriação do Capital, através de determinadas estratégias podem ajudar a fazer emergir das margens, os esquecidos pelo sistema hegemônico. Uma dessas formas é participar dos editais específicos para cultura, que até bem pouco tempo pareciam ser uma realidade distante de regiões como o sertão baiano, tendo em vista que o poder público local tem sido negligente. Essa tática de reivindicação se inscreve no território da luta pela visibilidade. Assim, os agentes dinamizadores da cultura tentam adentrar na rota do Capital, por meio de editais e programas de incentivo específicos, da máquina do institucional do Estado, a fim de por em cena àquilo que está nas bordas da sociedade. Entre os usuários das artes da memória, poetas, atores e cantores, cotidianamente selecionam, em seus trabalhos, as palavras e os seus lugares. Quando destacamos um lugar estamos criando, recriando ou celebrando perspectivas de uma cena nova.

3 Movendo as engrenagens

Existem várias versões da história da “Serpente da Ilha do Miradouro”, que são contadas pelas pessoas mais velhas das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique e região. Para este trabalho utilizaremos a adaptação feita pela pesquisadora Markileide da Silva Oliveira, filha e neta de pescadores da região, que também foi aluna do curso de Letras, na Universidade do Estado da Bahia. Em sua versão ela aglutina detalhes que estão dispersos nas várias versões contadas por pescadores e moradores da beira do rio, dando unidade a trama e ampliando sua perspectiva dramática. Passemos, então, ao resumo da história.

Conta a lenda, que existe um porão debaixo do altar central da Igreja do Miradouro e que lá, escondida, vive uma enorme serpente, fruto do pecado e da maldade de uma

mulher. A história da Igreja se confunde com a lenda. Conta-se que há muitos anos, com a chegada dos bandeirantes, e a descoberta da existência de ouro e pedras preciosas na Serra Assuará, hoje município de Gentil do Ouro, foi para a região gente de todo o Brasil, inclusive um fazendeiro muito poderoso, que se instalou na ilha e mandou construir uma igreja, em homenagem a Nossa Senhora Santana. Ele tinha uma filha muito formosa chamada Mariá que acabou se engraçando por um tropeiro e ficando grávida. Mesmo fazendo de tudo para esconder a barriga, sabia que se tivesse a criança iria desonrar a família, então, no dia do nascimento foi até o rio, e ali deu a luz a um menino que soltou no rio. Conforme consta a lenda, a criança foi protegida por Nossa Senhora. Os dias passaram, e as lavadeiras observaram que no rio havia uma cobrinha, cujo rosto tinha as feições humanas de uma criança. Foram até o padre, que em conversa com seus superiores, decidiu marcar uma reunião na igreja com todas as mulheres, alertando que nenhuma deveria faltar. No dia da reunião estavam todas lá, inclusive Mariá, sentada ao fundo. A porta central foi aberta, e o padre chamou a cobrinha para que entrasse, e dissesse quem era sua mãe. A cobrinha passou por todas as mulheres e parou em Mariá. O padre ordenou que ela desse a mama ao filho. Nesse instante, a cobrinha se transformou em uma criança. A mulher foi exortada, e logo após se transformou em uma enorme serpente, que foi trancafiada no porão da igreja.

A partir da versão apresentada pela pesquisadora, em parceria com o grupo Ministério do Teatro, que vem atuando há alguns anos na cidade de Xique-Xique, foi montada uma versão teatral da história de Serpente da Ilha do Miradouro, projeto apoiado através da 2ª Chamada do edital Calendário das Artes 2012, da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), entidade vinculada a Secretaria de Cultura do Estado (SecultBA). No primeiro semestre de 2013, a peça intitulada *No Miradouro, os mistérios de uma Serpente*, teve sua pré-estréia, ficando em cartaz por 13 dias. Como a cidade de Xique-Xique não possui um teatro, o auditório do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães foi utilizado como palco.

Ao ser transposta para a linguagem teatral, a narrativa popular entra em circulação na máquina, que com suas engrenagens a redistribui para um público maior. Na verdade, trata-se da cultura se performatizando, interferindo pela recepção, no modo de apropriação de valores. A recepção passa a ser outra e, por novos caminhos é possível construir um valor de cultura. A história oral, circunscrita nas comunidades ribeirinhas, de pescadores, contada pelos mais velhos, agora ganha uma outra cena, e expande seu processo de recepção. Durante todos os dias em que a peça foi apresentada na cidade de Xique-Xique, o auditório estava cheio, havia pessoas sentadas nos degraus, encostadas nas paredes, encantadas com algo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante.

O encadeamento de ações culturais na cidade de Xique-Xique, bem como a participação da comunidade nas atividades desenvolvidas na cidade, vem sinalizando uma demanda e, ao mesmo tempo uma ausência. As comunidades ribeirinhas, bem como os artistas locais, vem despertando para novas possibilidades de inserção, mas ao mesmo tempo, cresce a consciência da ausência do poder público local, que ainda incentiva de modo muito tímido ações desse tipo. Basta lembrar, a dificuldade para o efetivo funcionamento do único Ponto de Leitura da cidade. Se olharmos no mapa de distribuição desses Pontos de Leitura, na malha territorial do estado da Bahia, iremos perceber onde mais eles estão concentrados, o que nos leva, também, a um outro impasse: onde estão as pessoas interessadas, em tentar contribuir para a redução da cruel estatística do déficit de leitura, no no estado da Bahia? O Ponto de Leitura é uma ação que exige mobilização social, diria comunitária, como forma de mover as engrenagens da máquina. Por outro lado, quem atua nos Pontos de Leitura, vem observando a difícil realidade da leitura em

nosso Estado. Conforme observou Markileide Oliveira, “No Ponto de Leitura a maior dificuldade é a escola...os alunos não sabem ler, não tem interesse. Eu tenho alunos de 12 anos que sabem apenas decodificar a palavra... fazem leitura fragmentada”. No meio dessa problemática, temos o fechamento do curso de Letras na cidade, o grande responsável pela qualificação dos profissionais da leitura.

Conclusão

As narrativas orais, passadas de geração em geração, resgatadas pelo trabalho incessante de Markileide Oliveira, e dinamizadas como leitura para crianças, adolescentes e jovens, numa tentativa de evidenciar a cultura local, não é uma ação isolada. Nem o grupo Ministério do Teatro, que há anos vem tentando fomentar espetáculos na cidade, mas que pela precariedade, tanto pela ausência de espaços públicos, destinados a isso, como de recursos financeiros, é o único movimento em prol da cultura local. Existem músicos, artistas plásticos, artesão, professores, membros da comunidade, engajados nesse projeto libertador, que é o de pôr em movimento as engrenagens da máquina cultural.

Refletir acerca de uma cultura, em favor da vida comunitária e seus modos de sobrevivência libertários é um exercício antropofágico, performatizado em múltiplas cenas. Assim, as narrativas ribeirinhas são reencenadas em outro plano de recepção, que só foi possível mediante o enfrentamento de uma dada realidade, pela estratégia de guerrilha, onde o Estado assume uma dupla face: ao mesmo tempo em que provê os mecanismos emancipatórios, é omissos quanto as demandas da comunidade.

Referências Bibliográficas

- 1] ALCOFORADO, Doralice Xavier. **A escritura e a voz**. Salvador: EGBA/Fundação das Artes, 1990.
- 2] ARAÚJO, Nerivaldo. **Navegando nas margens: narrativas orais do Velho Chico**. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – Universidade dos Estado da Bahia, Salvador, 2010.
- 3] ARAÚJO, Nerivaldo. Na cadência das águas do Velho Chico: o samba de roda e a construção de novos espaços simbólicos na cultura. **Anais do XII Congresso Internacional da Abralic: centro, centros – Ética, Estética**. Curitiba: UFPR, 2011.
- 4] CANCLINI, Nestor Garcia. A encenação do popular. In: **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloisa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa; trad. Da introdução Gênese Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- 5] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, tradução, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- 6] GLISSANT, Eduard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2005.
- 7] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- 8] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- 9] MIGNOLO, Walter. “A gnose e o imaginário do sistema mundial colonial/moderno”. In: **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes**

- subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003.
- 10] MOREIRA, Osmar. **Oswald de bolso**: crítica cultural ao alcance de todos. Salvador: UNEB, Quarteto, 2010.
- 11] REIS, Roberto. “Cânon”. In: JOBIM, José Luis. História da literatura. In: (org) **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- 12] SANTOS, Milton. **O espaço cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.
- 13] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- 14] VALOIS, Ilmara. Uma missão ainda em gênese. In: **Círculo poético de xique-Xique**. Ano 1, n 5, Agosto de 2011.
- 15] WALTER, Roland. Entre gritos, silêncios e visões: pós-colonialismo, ecologia e literatura brasileira. In: **Revista brasileira de literatura comparada**. V. 1, n. . rio de Janeiro: Abralic, 2013.
- 16] ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2 ed. Rev. E ampl. SãoPaulo: Cosac Naify, 2007.